

## 6.

### **Agressores, vítimas e testemunhas: o depoimento dos pares**

Este capítulo, com os anteriores, compõe a parte empírica da pesquisa. Nele, apresentamos os sujeitos entrevistados e analisamos as percepções dos estudantes a respeito do bullying enquanto uma violência escolar singular.

As entrevistas com os estudantes foram surpreendentes e de grande valor para a melhor compreensão de lacunas deixadas pelo questionário. De modo geral, o que mais nos chamou atenção também foi o amplo conhecimento que os estudantes têm sobre o bullying. Na maioria dos relatos, conseguimos compreender que o bullying afeta negativamente o cotidiano dos estudantes e que pelo menos individualmente estes reconhecem os efeitos do mesmo. Para os dez estudantes entrevistados, a escola ignora os casos de bullying e age assim porque não consegue controlar o problema. Essa percepção dos estudantes nos levou a confirmar o que havíamos levantado nas entrevistas com os professores, ou seja, o tema é visto como algo comum, corriqueiro, ou seja, é naturalizado, banalizado. Quando não ignora, a escola reage ao bullying de modo repressivo, aumentando momentaneamente o rigor das regras e punições, acreditando que assim poderá enfrentar a situação. Neste sentido, vale destacar que todos os estudantes entrevistados ressaltaram o caráter autoritário da escola e a ausência de diálogo para resolução dos problemas.

Entrevistar os estudantes foi fundamental para conhecer o que eles pensam sobre as causas e consequências do bullying. Imaginávamos que eles fossem negar que praticaram ou sofreram bullying e acreditávamos que eles pudessem ter medo do destino das gravações, que isso pudesse inibir suas reais percepções sobre o problema. Mas, não foi isso que aconteceu. As entrevistas duraram, em média, cerca de 30 minutos. Durante este tempo, os estudantes falaram com propriedade sobre o tema, narraram situações pessoais e casos de outros colegas.

Associaram o bullying a um tipo de violência covarde e a maioria soube diferenciar tais situações das brincadeiras cotidianas.

Todos os estudantes afirmaram novamente apreço pela escola e pelos professores, mas não teceram os mesmos elogios à direção e não pouparam críticas a maneira como a escola tenta solucionar os conflitos. Em geral, os entrevistados relacionaram o bullying à questão da diferença e apontaram diversos fatores que levam a sua prática. Não conseguimos notar nenhum tipo de desconforto nos relatos e nem tampouco alguma polidez ou autocensura, tudo foi dito de modo objetivo e direto. Experiências pessoais foram minuciosamente detalhadas e em uma das entrevistas a emoção veio à tona.

Em apenas duas semanas todas as turmas já sabiam das entrevistas e muitos estudantes me pararam nos corredores e no pátio e pediram para serem entrevistados. A sensação que tivemos é que para além da curiosidade eles queriam falar, narrar, dar opinião, serem ouvidos e, de alguma forma, respondidos, pois muitos estudantes me perguntaram sobre a finalidade de minhas gravações. Os dez estudantes que entrevistamos ficaram muito interessados na pesquisa, perguntaram sobre o curso de doutorado e em que a pesquisa iria contribuir. Alguns disseram que não sabiam que existia doutorado e que achavam que eram só os psicólogos que “tratavam as pessoas que sofrem bullying”, o que também nos revelou que o tema está, cada vez mais, circunscrito no âmbito dos transtornos que o causam, sendo ausentes reflexões sobre o tema em outras perspectivas, ou seja, o bullying analisado numa abordagem filosófica, sociológica ou pedagógica pareceu uma novidade para os entrevistados.

As entrevistas com os estudantes nos forneceram um cenário muito mais completo que o questionário. Pudemos compreender melhor as diferenças de gênero relacionadas ao bullying, também pudemos apreender como os adolescentes sofrem com bullying, seja como vítimas ou como agressores. Ouvimos alguns relatos de agressões prolongadas, permeadas de ofensas e humilhações, do mesmo modo que identificamos estudantes que tinham tudo para serem vítimas de bullying e que se transformaram em lideranças positivas no Colégio Guarani.

Vale registrar, mais uma vez, que as entrevistas não serviram apenas para confirmar o referencial teórico. O que gostaríamos de insistir é que algumas falas questionaram nossas hipóteses. Como já afirmado, a realidade se mostrou mais difusa e ambígua do que imaginávamos e pudemos nos aproximar um pouco mais da complexidade que cerca a problemática investigada.

## 6.1

### **Os estudantes: quem são e como foram escolhidos?**

Decidimos ouvir dez estudantes porque esse número equivale a aproximadamente 7% da amostra utilizada nos questionários. Seguindo a orientação do INE (2011), o quantitativo ideal de entrevistas antecedidas por questionários deve estar entre 5 e 10% da amostra inicial. Todos os entrevistados responderam o questionário e também eram alunos dos oito professores entrevistados. O perfil dos estudantes é ainda mais diversificado do que o dos professores. Essa diversidade ainda que não tenha sido proposital foi importante, uma vez que acreditamos que quanto mais plural for o grupo de entrevistados, mais informações conseguiríamos sobre o tema da diferença associado aos casos de bullying.

Assim, como entre os professores, optamos por uma escolha parcialmente aleatória dos estudantes. Como os questionários foram anônimos não pudemos utilizá-los como critério, mas os registros do caderno de campo feitos durante o período de observação foram fundamentais para selecionar os estudantes. Entrevistamos cinco estudantes do 1º ano e cinco do 2º ano. Alguns professores nos forneceram nomes de estudantes vistos como problemáticos e/ou introspectivos. Construimos uma lista de seis nomes, todos indicados pelos professores, mas desta lista só entrevistamos três. Ouvimos quatro estudantes com perfil de liderança e chegamos a estes com a ajuda dos registros do caderno de campo. Os outros três estudantes foram escolhidos aleatoriamente.

Em geral, os estudantes ficaram curiosos e um tanto desconfiados quando foram convidados para dar as entrevistas. Todos perguntaram a finalidade da entrevista e se teriam que se identificar. Quando explicávamos que estávamos colhendo informações sobre o relacionamento entre os estudantes e a violência

escolar, os estudantes se mostraram solícitos e interessados em contribuir. Ninguém se recusou a falar e praticamente todos afirmaram terem gostado de participar da pesquisa. As entrevistas foram proveitosas, com momentos tensos e outros mais amenos. O gravador não incomodou e alguns estudantes chegaram a pedir para ler a tese quando o trabalho estivesse finalizado, o que prontamente foi assumido como compromisso após a defesa da tese.

O que mais nos impressionou foi a maneira aberta que os estudantes falaram sobre todos os assuntos, sem rodeios ou indiretas. As entrevistas se transformaram em conversas e em alguns momentos foi difícil mudar de tópico. Percebemos que os estudantes queriam falar, precisavam falar e que tinham o que dizer sobre a violência na escola. Não são ingênuos, nem tampouco desinformados sobre a situação de violência na escola ou mesmo sobre a situação da escola como um todo. Conhecem as regras da escola, discordam e, segundo suas afirmações, estão cientes e convencidos sobre quando estão certos ou errados. Possuem opiniões contundentes sobre a maneira como a escola lida com o bullying e não tiveram vergonha em dizer as consequências negativas que o bullying traz para a vida escolar.

Segue abaixo tabela com os dados pessoais dos estudantes:

	<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor</b>	<b>Bairro</b>	<b>Ano</b>
E1	Masc.	15	Pardo	Vidigal	1°
E2	Masc.	16	Branco	Vidigal	1°
E3	Fem.	17	Parda	P. Laje	2°
E4	Fem.	15	Preta	Rocinha	1°
E5	Fem.	18	Negra	Vidigal	2°
E6	Masc.	15	Pardo	Olaria	1°
E7	Masc.	17	Branco	Rocinha	2°
E8	Masc.	18	Pardo	Rocinha	2°
E9	Fem.	17	Negra	Rocinha	2°
E10	Fem.	15	Parda	Rocinha	1°

Segundo Olweus (1978) e Fante (2007), o bullying apresenta algumas diferenças entre os meninos e as meninas. Por esse motivo decidimos equilibrar as entrevistas em relação ao gênero, para que a análise não ficasse comprometida. O mesmo procedimento foi adotado em relação ao ano de escolaridade, já que os questionários nos mostraram que os casos de violência são mais recorrentes no 1º ano. Em relação à cor também adotamos o critério de autodeclaração. Entre os estudantes esse assunto foi mais delicado, principalmente para dois meninos que apesar do tom da pele mais escuro ignoraram sua aparência fenotípica e se autodeclararam brancos. Porém, no momento da entrevista pudemos perceber que aquela declaração vinha acompanhada de certo desconforto em falar da tonalidade da própria pele.

Nossa pesquisa não teve como questão central o preconceito racial entre os adolescentes, mas esse é um tema transversal ao bullying. Por isso nos interessamos em montar um perfil com as características que podem estar relacionadas à motivação e/ou vitimização recorrentes nos casos de bullying. Tanto entre os meninos quanto entre as meninas sentimos, em alguns momentos, certo desconforto em se autodeclarar pardo/preto, o que socialmente identificamos como negros. Santos (2001) e Munanga (2005) argumentam que o racismo começa ainda na primeira infância e tende a se tornar mais forte na adolescência, quando o sentimento de vergonha se configura de modo latente devido à inferiorização que a identidade negra é constantemente submetida. Essa constatação também é válida quando a problemática é o bullying. Sposito (2004) e Nunes (2006) estudam a violência escolar pelo viés do racismo e chamam atenção para casos de bullying onde o elemento central é o preconceito racial. Em nossas entrevistas chamou-nos muita atenção essa questão da dificuldade em assumir uma identidade negra. De certo modo nos pareceu que o *pardo* funciona como uma válvula de escape, no sentido do (não) reconhecimento da negritude.

Para nossa surpresa, mas com efeito reverso, foi o desprendimento dos estudantes ao responderem sobre suas moradias. Acreditávamos que os estudantes fossem ludibriar e dizer que moravam na Gávea ou em São Conrado, bairros vizinhos às favelas da Rocinha e do Vidigal. Mas, não foi isso que aconteceu, os jovens não tiveram vergonha em dizer que moravam em comunidades dominadas pelo poder da milícia e do tráfico de drogas, bem como, claramente, identificados

como locais violentos e socialmente desprestigiados. Tínhamos a sensação que os estudantes tentariam esconder que são *favelados*, para evitar as associações preconceituosas, como jovens *vagabundos*, *sujos*, *marginalizados* ou *bandidos em potencial*, pois esses são alguns dos rótulos que, socialmente, recebem as pessoas que moram nessas comunidades.

O que compreendemos é que os estudantes sabem dos graves problemas sociais das comunidades que residem. Uma das entrevistadas chegou a dizer que acha um absurdo que as babás tenham que andar vestidas de branco pela Lagoa, e um entrevistado relatou que é obrigado a subir no prédio que seu pai é porteiro pelo elevador de serviço, mesmo se estiver com as mãos desocupadas. Os estudantes têm consciência do (não) reconhecimento que são constantemente submetidos por serem moradores de favelas como a Rocinha e o Vidigal, mas essa consciência não se transformou em vergonha ou qualquer tipo de desonra ou estigma. É interessante refletir sobre essa aparente dicotomia, onde se autoafirmar preto nos parece ter causado certo desconforto, ao contrário de ser favelado, que foi asseverado sem nenhum tipo de receio aparente.

Sobre essa questão Honneth (2001) nos ajuda com o conceito de *semântica coletiva*. O autor defende que no processo de luta pelo reconhecimento de suas identidades alguns grupos que se consideram marginalizados constroem coletivamente determinados valores e atribuem significados únicos a estes. No caso dos estudantes moradores das favelas da Rocinha e do Vidigal podemos interpretar que ser favelado se tornou um desses valores capaz de aglutinar e produzir dignidade para todo o grupo. O mesmo parece não ter acontecido, entre os entrevistados, com a identidade negra, pois o desconforto perceptível durante as entrevistas nos mostrou que se reconhecer como negro não é ainda algo valorizado coletivamente, não se transformou em um valor/sentimento que garante respeito e dignidade ao todo.

É possível pensar que dada à importância que essas favelas assumiram, bem como o tamanho territorial/populacional e a especulação imobiliária que alcançaram, tenham contribuído para que esses adolescentes se sintam pertencentes àquela região e por isso não expressam nenhum tipo de desconforto. Outro fator que merece ser destacado é que mais de 85% dos estudantes do

Colégio Guarani são moradores dessas favelas, isso de alguma forma pode significar que esses estudantes compartilham a mesma identidade territorial, apesar dos vários grupos rivais que dominam essas regiões. Já em relação à identidade racial, segundo as nossas observações, o colégio é bastante diversificado, sendo a maioria dos estudantes pardos, poucos estudantes pretos e um número ainda menor de estudantes brancos

<sup>34</sup>. Talvez, o fato dos pretos serem minoria na escola contribua para que esses estudantes demonstrem desconforto em assumir a negritude. A categoria de “pardos”, ainda que socialmente identificada como referente aos negros pelos movimentos sociais pelos institutos de pesquisa (como o IBGE), parece não ter muito efeito sobre a construção de uma identidade negra entre os jovens entrevistados no Guarani, ou seja, nas entrevistas, a autodeclaração como pardo significou mais “não sou negro” do que “sou negro”, comprovando a ambiguidade de tal categoria.

Ainda em relação ao perfil dos estudantes entrevistados vale ressaltar o que eles pensam sobre o papel da escola em suas vidas. Praticamente todos responderam que a escola é fundamental para proporcionar um futuro de sucesso, mas também sinalizaram que a escola é repetitiva, autoritária, inibe a criatividade e não acredita no potencial de seus educandos. Tanto os meninos quanto as meninas criticaram a maneira como aprendem, o que aprendem e a ausência de justificativas para o porquê de aprender determinados conteúdos.

Acreditamos que nossos dez entrevistados, com apenas 15, 16, 17 e 18 anos, adolescentes pobres, em sua maioria pardos/pretos e moradores das principais favelas do Rio de Janeiro, concordariam com Candau (2008) sobre a urgência/necessidade de reinventarmos a escola. As falas desses estudantes nos mostraram não somente o que eles pensam sobre a violência escolar e, em específico, sobre o bullying. Seus argumentos nos revelaram que essa escola que temos atualmente não atende mais as expectativas de nossos estudantes, não

---

<sup>34</sup> Vale salientar que de acordo com os critérios classificatórios adotados pelo IBGE e compartilhado pelo movimento negro, os negros constituem a soma dos pretos e pardos. Segundo esses critérios, apesar da maior predominância de pardos, a maioria dos estudantes do Colégio Guarani são negros.

desafiam suas ideias e talvez por isso o desinteresse tenha se constituído em um comportamento tão expressivo.

## 6.2

### **Analisando as entrevistas: os estudantes e suas percepções**

O roteiro de entrevistas dos estudantes foi elaborado com o objetivo de compreender o relacionamento entre os estudantes e a percepção que estes possuem a respeito da violência. As entrevistas com os estudantes eram composta de três blocos de questões se contemplaram: (1) relacionamento entre pares; (2) percepção sobre o bullying enquanto um tipo de violência; (3) possíveis causas e consequências do bullying.

Iniciamos as entrevistas perguntando sobre o significado da escola para os estudantes, o que eles gostam ou não gostam na escola e como se relacionam com os pares, professores, direção e demais funcionários. Nosso objetivo foi entender como os entrevistados compreendem suas relações intersubjetivas no cotidiano escolar e se temas como conflitos, preconceitos e discriminações apareceriam de maneira mais livre, numa conversa inicial. Acreditamos que a percepção que os estudantes possuem sobre a escola, os professores e os seus pares possa nos ajudar a entender o comportamento desses jovens e ainda compreender melhor as possíveis situações de agressão.

No segundo bloco de questões, buscamos conhecer as percepções dos estudantes acerca do bullying, o que eles pensam sobre o tema e como lidam com as situações de agressão na escola. Importante esclarecer que não estabelecemos nenhuma conceituação prévia do bullying, pois estávamos interessados em compreender o que os estudantes pensam sobre esse tipo de violência escolar. Além do mais, como afirmado no capítulo 2 desta pesquisa, o termo se tornou bastante popular. Assim, partimos do pressuposto que os estudantes, de alguma maneira, sabiam do que estávamos tratando, ainda que não tivéssemos um acordo prévio sobre o conceito. Desta forma, pudemos captar como os jovens estudantes identificam o bullying a partir das considerações que foram trazidas pela entrevista.

No terceiro bloco, concentramo-nos em investigar porque o bullying acontece, quais seriam as causas e consequências desse comportamento para os estudantes e de que maneira os estudantes acreditam que a escola deve lidar com essas situações. Vale registrar que os jovens estudantes apresentaram suas propostas, formularam hipóteses sobre o problema e ousaram indicar alternativas possíveis.

De certa maneira, as entrevistas dos estudantes nos aproximaram dos professores e ajudaram a desconstruir algumas opiniões pré-formuladas e revelaram contextos que não imaginamos. Assim, consideramos que este capítulo e o anterior estabelecem um diálogo que só foi possível a partir da escolha de ouvir professores e estudantes. Não temos o objetivo de confrontar perspectivas, mas, tão somente, nos aproximar de uma problemática que ambos vivenciam, mas que, obviamente, a enfrentam desde diferentes perspectivas.

### 6.2.1

#### “A escola sempre foi para mim uma segunda casa”

*A escola sempre foi pra mim uma segunda casa, um lugar que você fazia amigos, quase irmãos. E os professores é como se fossem nossos pais, e você acaba convivendo mais com seus amigos e professores do que com seus pais e irmãos (E5)*

*O que a escola significa pra mim? Acho que pra mim é mais como uma experiência de troca de aprendizagens entre alunos e professores, ou alunos e alunos. É um lugar que você aprende a conviver, não são só as matérias, você aprende a conviver e formar sua personalidade. (E1)*

*A escola faz parte da minha vida, não lembro de nada da minha vida antes da escola. Sei lá, parece que já nasci na escola. Alguns sábados já acordei tarde e fiquei desesperada achando que perdi aula. (E4)*

*Tem dias que não quero ficar aqui, é meio chato, tudo igual todos os dias. Acho que ensinam pra gente que devemos gostar da escola e de estudar e quando crescemos vemos que não é bem assim. (E9)*

A escola é um ambiente importante para os estudantes. Sete estudantes destacaram os pontos positivos da escola, demonstraram carinho pelas aulas e saudades das mesmas no período de férias. Também ressaltaram que não sabem o que é viver sem estudar, que é um lugar de trocas, aprendizados, formação da personalidade e construção da identidade. E9 foi a mais crítica, ela considera a escola um lugar chato, rotineiro e sem grandes desafios. É interessante que em seu

relato deixou claro que a família e a sociedade obrigam as crianças a gostar da escola, não permitem que a importância da escola seja relativizada. Outros estudantes destacaram que fora da escola não teriam chances de serem respeitados profissionalmente e também apontaram a importância da escola no ensinamento de valores.

Pedimos aos estudantes que relatassem o que eles mais gostam na escola e o que não gostam. Essas perguntas iniciais foram fundamentais para ambientar os estudantes na entrevista e construir um elo confiável de comunicação (Bourdieu, 2010).

*Cara, eu acho que é artes, é o que mais gosto, porque parece tempo livre, eu posso desenhar, eu levo mangar e fico lendo. (...) Eu não gosto do jeito autoritário do colégio, é muita regrinha boba, tipo ter que deixar o celular na mochila desligado para não usar durante a aula, eu acho isso muito ridículo. A coordenação, ao mesmo tempo, que é muito autoritária com regrinhas pequenas é desleixada com coisas sérias. Ih, eu não gosto das aulas de inglês, é muita embromação. (E1)*

*Gosto dos professores, das merendeiras, são carinhosas com a gente (...). Não gosto das decisões da direção, são autoritárias. Não precisa dessa imposição, a escola é tranquila. Também acho que algumas aulas não são importantes. Religião, por exemplo, pra quê? Isso é a família que decide. (E7)*

*O que eu mais gosto aqui são os professores e eu não gosto da desorganização. Os livros são diferentes, e aí os professores não usam e temos que copiar, copiar, copiar... (E8)*

*O fator que eu mais gosto na minha escola, sem dúvida, são os professores, porque a cada aula eu consigo aprender e receber conselhos sensacionais. (E2)*

*Não gosto disso dos “preconceitos”, rotulações pela aparência, ou o que a pessoa possui pode influenciar na amizade. Acho isso muito ruim, porém acontece. Na escola nunca se tem uma igualdade, tem sempre aquele grupinho que acha que manda na escola ou na sala, e outros grupos se subjugam a esse. Os grupos “inferiores” sempre são os piores, os que nem tem voz na escola, ou os que são os nerds, os estranhos, os lerdões. E os “famosinhos” fazem de tudo para ficar por cima, são falsos, trapaceiam, às vezes, até imorais. (E3)*

Os dados dos questionários já haviam nos revelado o quanto os estudantes gostam dos professores. Nas entrevistas, este dado se confirma. Eles gostam dos professores, elogiam as aulas e destacam algumas preferências. É interessante que o carinho dedicado aos professores não se repete em relação à coordenação e à direção. Percebemos que os estudantes rejeitam a necessidade de algumas regras “bobinhas”, acham a escola autoritária e citam algumas situações onde a rigidez

foi excessiva. A Autoridade próxima e afetuosa, dos professores em sala, é aceita e respeitada; já autoridade distante e/ou sem sentido dos gestores escolares parece ser fortemente recusada.

O relato de E3 destaca a questão de como a diferença é tratada na escola, com rotulações e preconceitos. A estudante enfatiza que a escola não é um ambiente permeado pela igualdade. Ao contrário, é composta por grupos e alguns desses grupos agem de má fé para se beneficiar. Ainda que tenha sido, num primeiro momento, um relato isolado, essa estudante nos mostra como é difícil para alguns jovens conviver com a diferença e qual a percepção acerca da intolerância com algumas diferenças. No caso desse depoimento, a estudante apontou que são as situações de preconceito que ela não gosta na escola. Ela poderia ter citado o autoritarismo da escola ou a desorganização no uso dos livros didáticos, como fizeram outros jovens, mas ela vai direto às dificuldades em lidar com as rotulações e discriminações, o que foi importante para os objetivos desta pesquisa.

Em relação ao destaque que os estudantes deram ao autoritarismo da escola, talvez, o tamanho da escola e a quantidade de estudantes matriculados contribuam para que a direção elabore normas rígidas, que uma vez implementadas causem nos jovens a sensação de um ambiente autoritário, distante e sem sentido, uma vez que “a escola é tranquila”. Vale ressaltar que o Colégio Guarani, segundo nossas observações e os depoimentos dos professores, funciona com um quadro deficitário de funcionários. Os corredores são grandes e contam apenas com um inspetor por andar. Para manter a organização e o bom andamento das aulas, parece que a direção precisa se mostrar efetiva e, muitas vezes, os estudantes não compreendem e interpretam tais decisões como excesso de controle e ausência de liberdade.

### 6.2.2

#### **“Fui julgada quando entrei na escola”**

*Com isso de grupos, obviamente fui julgada quando entrei na escola, quem é do meu grupo, não tem problema comigo, e nem eu com eles, e quem não é, mas me*

*conhece sabe que sou uma pessoa legal, porém quem me julgou e viu que não tenho os pré-requisitos para ser uma “famosinha”, sempre encontra problemas comigo, ou tenta me subjugar, mas não tenho problemas com eles, a não ser que eles arranjam comigo, apesar de que tento ser sempre amigável com todos, mesmo aqueles que não gostam de mim. (E2)*

Perguntamos aos estudantes como eles se relacionam com seus colegas, com os professores e com a direção. O que mais nos surpreendeu foi que novamente todos os estudantes afirmaram ter um bom relacionamento com os professores e destacaram o distanciamento da direção e da coordenação. Já em relação ao relacionamento entre pares, as respostas foram diversas, mas, em geral, os estudantes destacaram que se relacionam bem.

*A relação que eu possuo com os meus colegas é harmônica, mesmo apresentando diferenças. Quase não me dirijo aos professores, mas quando falo com eles há uma satisfação muito grande, pois eles ouvem com muita atenção e tentam ajudar de alguma forma. (E5)*

*Ruim. Eu tô repetindo o primeiro ano e desde ano passado eu tinha um amigo, que repetiu e saiu da escola. Eu só tinha esse amigo e agora tenho duas amigas que são de outras turmas. Na minha sala, esse ano é um pouco ruim também, porque converso com poucos alunos, mas sei lá, eu também sempre fui diferente. Eu sempre fiquei, a maioria das vezes, sozinho, no meu canto, desenhando. (...) Com a direção é tanto faz, não faz diferença pra mim. Eu quase não falo com a direção. Com os professores é o contrário, eu sempre tive um bom relacionamento com os professores, até mais com os professores do que com o pessoal da minha sala. (E1)*

*Hum, eu sou meio antipática com isso, porque hoje as pessoas tão muito abusadas, principalmente os jovens e tão perdendo muito o limite do que fazer e do que não fazer. Mas, no geral, tenho um relacionamento razoável com meus colegas. A direção sempre foi muito afastada de tudo, então, não tenho muito contato. E com os professores, com alguns deles, eu tenho muito contato e admiro muito alguns, acho que vou levar como exemplo pra minha vida toda. (E3)*

O relato de E1, novamente, nos chamou atenção. Ele afirma que não tem um bom relacionamento com os demais estudantes, mas justifica essa situação afirmando sua própria diferença, chega a dizer que sempre foi diferente e que sempre gostou de ficar mais isolado. Segundo a hipótese construída para esta tese, quando a diferença provoca intolerância, o bullying se instaura. Mas, até aqui, considerávamos o olhar do estudante agressor para a vítima. O diferencial no depoimento de E1 é que o olhar parte dele, como alguém que se sente diferente e que compreende que não é aceito por todos devido a sua diferença. Segundo o que pudemos observar, o estudante não tem nenhuma diferença física que se sobressaia. Não é muito gordo, nem muito magro, nem baixo e nem muito alto,

não tem espinhas ou sinais, não é orelhudo, olhudo, bocudo ou nada parecido. Se declarou heterossexual, não é negro, nerd ou “sem noção”. Porque se sente diferente?

*Acho que sou diferente porque sou mais sensível a algumas coisas. Na minha turma tem três divisões, o grupo das meninas, o grupo dos meninos e eu. Eu não falo com ninguém, não gosto de ninguém. E eles também não gostam de mim. (E1)*

A diferença apontada por E1 é uma diferença comportamental. O fato de ser mais tímido e gostar de arte o faz acreditar que ele é diferente dos outros meninos devido à sua sensibilidade. Os outros meninos são mais populares, jogam futebol e se comportam de maneira socialmente compreendida como mais masculina. É expressivo o quanto a escola é uma instituição homogeneizadora e padronizadora, ao ponto do estudante se sentir diferente porque não se enquadra no padrão da maioria. Poderíamos afirmar que pelas interpretações que fizemos até aqui, E1 tem grandes chances de ser ou se tornar uma vítima de bullying, não apenas porque é tímido, sensível e introspectivo, mas porque se sente diferente e isso, segundo seu próprio relato, atinge-o negativamente.

Ainda com a temática dos relacionamentos entre pares, perguntamos aos estudantes sobre a formação de grupos nas turmas e em que grupos eles se encaixariam. Essa pergunta foi considerada porque acreditávamos que a formação de grupos contribui para a ocorrência do bullying. Os dez estudantes afirmaram que as turmas são divididas em grupos bem definidos e que, na maioria das vezes, os grupos se formam por afinidades.

*Como disse antes, as pessoas novas são avaliadas quando entram na escola. Normalmente, muitos grupos já são formados. Esses grupos avaliam as pessoas e, conforme os pré-requisitos pedidos, cada grupo convoca os novatos (risos). Na minha sala, tem uma divisão muito visível. Por exemplo: tem o grupo dos “famosinhos”, que sempre tentam se dar bem, comandar a sala; os lerdões, que não tem muita voz na sala; e o meu grupo que não foi convocado para ficar com os famosinhos, mas nem por causa disso não se mistura. Eu, por exemplo, falo com todas as pessoas da turma: os lerdões, os famosinhos, os idiotas, os normais. Na verdade, não sei em que grupo me encaixo (risos). Posso ter um pouco de cada. Não gosto dessa divisão da turma por isso tento me “misturar” com todos esses grupos. (E3)*

Alguns relatos indicam que os grupos se formam “normalmente”, mas que sobrevivem recrutando alunos novatos de acordo com seus próprios pré-requisitos. “Grupos sempre têm. Têm aqueles que estudam muito, aqueles que

colam e aqueles que não fazem nada nunca. Acho que os grupos se formam normalmente” (E6). Essa percepção dos estudantes permite ainda que consigam identificar e rotular os grupos a partir de suas principais características e desejos, sem questionar tal “normalidade”. Assim, conseguem destacar que a turma é bastante fragmentada e que, segundo suas avaliações, isso é ruim. Vale destacar que E3, por exemplo, não sabe ao certo a que grupo pertence. Assim, parece ser mais fácil rotular do que se entender dentro dos rótulos, tal como veremos nas afirmações seguintes.

*É todo mundo pertence a algum grupo. Mas, não é como naqueles seriados norte-americanos que tem o grupo dos bonitões, das dançarinas, dos nerds e isso é igual em qualquer série. Os grupos se formam por afinidades e quando você pertence há um grupo que você não se mistura com outro. Eu pertencço a um grupo, mas não saberia me rotular. (E3)*

*Sempre tem aquele grupo da frente que são os mais estudiosos e prestam mais atenção, e o grupo de trás, que é o contrário, né? Que fazem bagunça. Ah... eu não me encaixo bem em nenhum desses grupos, meu grupo é eu e minhas amigas. Nós ficamos meio que no meio dos dois. (E4)*

Podemos compreender que os estudantes têm consciência que suas turmas são fragmentadas em grupos diversos. Os relatos nos mostraram que esse é um processo considerado normal e que sempre obedece a determinados critérios, pode ser por afinidades, comportamentos e/ou aspectos físicos. Porém, alguns estudantes mencionaram que nem todos os jovens são inseridos nos grupos. Há aqueles que não conseguem ou não desejam fazer parte de um grupo e acabam ficando isolados, realizando atividades sempre individualmente. Se a socialização, a interação, é algo importante para a construção das identidades, ainda mais entre crianças e jovens, então, esses estudantes isolados (excluídos ou autoisolados) nos preocupam, pois, muitas vezes, o grupo funciona como um espaço e que protege seus integrantes, produzindo sentimento de pertença.

Elias e Scotson (2000) identificaram esse movimento de pertencimento e exclusão, em *os estabelecidos* e *os outsiders*. O livro é um relato etnográfico que descreve a relação de poder entre dois grupos de moradores que não se diferenciavam quanto a seu tipo de ocupação, educação, nacionalidade, classe social, mas sim no que se referia ao tempo em que residiam na comunidade. O grupo dos estabelecidos estigmatizava os moradores mais novos, os tratava como pessoas de valor inferior e os rotulavam como forasteiros, “os de fora.” Entre os

*outsiders* não havia coesão. Pelo pouco tempo juntos, ainda não haviam conseguido construir laços de uma comunidade efetiva. Guardadas as suas devidas proporções, segundo os relatos levantados, esse processo parece nos permitir entender alguns acontecimentos do Colégio Guarani.

Os grupos se formam, constituem identidades próprias e funcionam com um guarda-chuva de proteção para os seus integrantes. Mesmo aqueles grupos menores e mais fracos do ponto de vista do poder estabelecido dentro das turmas e colégio, conseguem se proteger, pois compartilham determinadas características e afinidades e lutam para que essas sejam mantidas como uma marca grupal. Não estamos considerando que os adolescentes vão instituir uma semântica coletiva no sentido honnethiano ou que seus pequenos grupos escolares vão produzir movimentos sociais identitários. Mas, estar fora de um grupo pode significar estar desprotegido. Entre grupos, o bullying também acontece, mas tanto para os agressores quanto para as vítimas saber que aquela situação é compartilhada por outros conforta e, de certa maneira, dilui o sentimento de inferioridade. E1, por exemplo, nunca conseguiu fazer parte de um grupo e acreditamos que isso possa ter contribuído para que se tornasse uma vítima de bullying como veremos adiante. Tendo em vista que E1 é repetente, poderíamos supor que sem a proteção de um grupo é mais fácil fracassar academicamente na escola? Sem a identificação com um grupo, a escola se torna uma experiência sem sentido? Com os nossos dados, não podemos e nem pretendemos responder estas questões, mas elas ficam aqui para que nos façam pensar sobre elas.

Entretanto, a formação de grupos nem sempre resulta na proteção dos estudantes que se sentem *outsiders*. Os grupos dos *estabelecidos*, na maioria das vezes, são os autores do bullying. Na fala de E3 eles são identificados como “famosinhos” e de E9 eles são os “populares”. São estudantes que se sentem poderosos e buscam a manutenção desse poder irradiando medo e insegurança naqueles que são desprotegidos, fora de qualquer relação que os deixem confortáveis dentro da instituição escolar. Há também um terceiro caso, que são aqueles grupos fragmentados, formados por estudantes que competem entre si. Nesse caso, o grupo pode não funcionar como um mecanismo de proteção contra o bullying, pelo contrário, os estudantes que por algum motivo se submeterem a tudo que for dito podem se tornar vítimas de bullying dentro do próprio grupo.

*Os grupos se formam a partir de estereótipos e algumas vezes por afinidade. Minha sala de aula é extremamente fragmentada. Há a presença de três grupos: o grupo dos “populares” que é formado pelas pessoas super descoladas; o outro grupo é o das pessoas que curtem games e gibis; e o terceiro grupo é formado por meninas que se identificam umas com as outras, mas que são extremamente competitivas entre si. Posso até dizer que é insuportável. Bem, acho que “pertença” ao grupo das meninas competitivas entre si. Nesse grupo, umas se identificam, outras não. Mas, nesse grupo tem uma “chefe”; tem também uma que muda de opinião conforme a pessoa e nunca aceita estar errada; outra que só pensa em seu próprio benefício e algumas são bem legais, extrovertidas e sinceras. (E9)*

A competição entre grupos é também um elemento encontrado nas pesquisas de Gomes (2004) e Rossato (2013). É interessante que os grupos fragmentados são compostos por subgrupos que obedecem a lideranças específicas. Em geral, esses subgrupos compartilham determinados aspectos que os transformam em um grupo, ainda que fragmentado. O relato da E9 expressa exatamente esse relacionamento sobrecarregado dentro de um grupo fragmentado em vários subgrupos. Os grupos que apresentam essas características tendem a ser mais fortes que os outros, pois apesar das diferenças internas os elementos de aglutinação, no caso relatado, é a competição entre as meninas. Tal comportamento funciona como um elemento de fortalecimento que dificulta que o grupo seja desrespeitado por outros grupos, ainda que provoque muita tensão dentro do próprio grupo: “posso dizer que é insuportável”. Contudo, isso não livra esses grupos fragmentados do bullying, mas contribui para um bullying diferenciado que se apresenta entre os subgrupos ou no interior dos subgrupos.

### 6.2.3

#### **“Quem não se enquadra é presa fácil para o bullying”**

*O bullying é uma violência, atitudes feitas por idiotas que machucam a pessoa. Quem não se enquadra é presa fácil para o bullying. É uma discriminação, uma forma de humilhar quem não sabe se defender. (E5)*

Após compreender a percepção que os estudantes possuíam sobre a escola, como se relacionam entre si e o que pensam sobre os grupos que formam dentro do espaço escolar, buscamos investigar o que eles pensam sobre o bullying.

*É quando você chacota uma pessoa... Tipo: o bullying é a zoeira não autorizada. Pra mim, a diferença entre o bullying e a zoeira é que a zoeira é recíproca, você*

*brinca com seus amigos e eles brincam de volta com você. O bullying não, você faz só com quem não sabe se defender. Acho que pode ter agressões verbais e físicas e vai piorando conforme o tempo. (E1)*

*O bullying é sempre um julgamento preconceituoso. (...) Esses pré-requisitos, quando são diferentes do seu, você julga, é quase que automático. Mas, quando você continua julgando, achando que ser diferente de você é errado, pra mim o bullying começa aí. E, muitas vezes, do bullying se desenvolve algo muito mais sério, como a homofobia. (E10)*

Os dois relatos chamam atenção para pontos de vistas diferentes. E1 define o bullying como uma zoeira não autorizada. Ou seja, ele atribui à vítima o direito de decidir se é bullying ou não. Quando o estudante aceita a zoeira e a contrapõe da mesma forma, é uma brincadeira. Mas, quando o estudante não consegue revidar e se ofende, então, segundo o depoimento, esta situação seria o bullying. Essa é uma maneira muito peculiar de avaliar a situação, pois torna ainda mais imperceptível a fronteira entre o bullying e as brincadeiras escolares. O estudante ainda adverte que o bullying acontece com aqueles que não sabem se defender e, mais uma vez, coloca a definição a partir do ponto de vista da vítima, ou seja, se a vítima está numa situação de desvantagem, ela não consegue reagir e impor autoridade/respeito. Poderia também ser entendido como responsabilização da vítima, ou seja, o bullying não se tornaria um problema se os afetados por ele soubessem se defender. No entanto, acreditamos que o depoimento, mais do que julgar as vítimas, assume o ponto de vista delas. É interessante que a responsabilização da vítima foi destacada, explicitamente, por outros três estudantes. É fato que sendo uma agressão o bullying sempre vai ser desautorizado. Mas, a questão é até onde podemos responsabilizar a vítima por não ter conseguido se impor, responder à altura, reagir com capacidade de desautorizar a ofensa?

O segundo relato desloca, sem dúvidas, o referencial e retira da vítima o ônus do bullying. E10 entende o bullying como um julgamento preconceituoso. Nesse caso, o bullying acontece porque alguns estudantes se acham no direito de julgar pejorativamente o outro. Quando esse julgamento se transforma em ofensas e agressões, temos o bullying instaurado. A estudante destaca que esses julgamentos pejorativos acontecem porque alguns estudantes entendem que ser diferente é errado e, se é um erro, logo, deve ser rechaçado. Essa visão se articula com a nossa hipótese de que em algumas situações a diferença pode produzir

intolerâncias e se transformar em bullying, o que significa afirmar que o bullying é um tipo de violência escolar motivado pela dificuldade que os estudantes possuem em conviver com as diferenças.

*Eu sei o que é bullying, mas não sei se saberia reconhecer. Acho que, às vezes, os garotos exageram nas brincadeiras com o próprio grupo. (E6)*

*Bullying pra mim é uma coisa que alguém faz pra machucar, no sentido de ofender, pode ser verbal ou pode ser agressão física também. (E4)*

*Bullying é uma forma de brincadeira maldosa, sem limites e sem respeito. (E5)*

Três estudantes associaram o bullying às brincadeiras de mau gosto feitas com o objetivo de ofender, machucar e agredir. E6 levantou a questão de o bullying acontecer dentro do próprio grupo como ressaltamos anteriormente.

No geral, os estudantes têm consciência dos efeitos do bullying e consideram uma prática negativa que prejudica os relacionamentos na escola. Na intenção de deixar os relatos mais precisos perguntamos aos estudantes se existe bullying no Colégio Guarani. Nas respostas positivas, perguntamos como acontece e pedimos que narrassem alguma situação.

*Sim, existe. Algumas pessoas que “brincam” com alguns meninos que apresentam uma aparência física com muita espinha e por serem negros. (...) Sim, eu mesma (risos). Bem, quando eu era criança essa questão do bullying não era tão divulgada. Mas, me chamavam de “baleia”, “gordinha”, “obesa”... por ser gordinha. E isso mexia muito com meu psicológico, chorava bastante com essa situação. Mas, com o tempo as brincadeiras pararam. (E3)*

*Sim, acho que as pessoas acham que é brincadeira, pelo menos no início. Depois que enxergam que não é. (...) Sim, o Thiago<sup>35</sup>, os meninos escondiam a mochila dele, zoavam ele, chamavam ele de Thiagão, mas ofendendo, debochando. Ele nunca revidava, só abaixava a cabeça. Tenho certeza que ele sofria. (E5)*

*Na minha escola, o bullying é visto quando as pessoas são motivo de piadas, são excluídas, motivos de risadas. Às vezes, isso é cometido pelos próprios amigos, como se fosse só “zoeira”, mas mesmo assim isso é bullying. (...) Muitas vezes, o bullying é verbal, mas quando não é “exterminado”, pode virar físico, o que é tão pior quanto o verbal. (...) Pra mim, o bullying tem total efeito quando a pessoa que está sofrendo por causa disso se deixa abater e não faz nada contra. Não conheço ninguém que não tenha feito nada contra, porém, conheço alguns casos que pessoas sofreram com isso, mas fizeram algo contra. Minha prima estuda na Escola X<sup>36</sup> e ela não “agradou” as pessoas que estudavam com ela, ela foi agredida verbalmente, se sentia constrangida e chegaram a colocar um celular roubado na sua mochila para que ela fosse expulsa da escola. Porém, ela*

<sup>35</sup> Nome fictício.

<sup>36</sup> Refere-se a uma escola pública de prestígio.

*contou para os pais, os pais foram na direção e se não fosse tomada uma decisão sobre aquilo, eles iriam até a polícia. A direção penalizou os responsáveis, porém minha prima saiu da escola, ela não queria se “esconder”, mas não queria ficar num lugar onde não se sentisse bem. (E9)*

O relato da E9 traz alguns fatores importantes que merecem ser destacados. Trata-se de um conflito externo ao Colégio Guarani, que ocorreu com um familiar da estudante. Dada a complexidade da violência narrada, que inclui agressão, constrangimento e roubo, o caso foi resolvido fora da escola. O bullying praticado se transformou em denúncia e o caminho foi a ameaça de judicialização do conflito. Analisando a situação da vítima, podemos pensar que as agressões tiveram consequências graves, pois apesar de não querer se esconder do conflito, a estudante decidiu abandonar uma escola de prestígio, cujo processo de seleção é um dos mais competitivos do Estado. Fica, então, a indagação: como a escola não percebeu que a estudante estava sendo perseguida ao ponto de ser acusada de ladra? Será que os colegas de turma não testemunharam nada? Por que a estudante não procurou a escola ou a família antes da situação chegar a esse estágio? Quais tipos de valores são compartilhados pelos estudantes que colocaram o celular na mochila da estudante para que ela fosse expulsa? Até onde iriam esses estudantes com o objetivo de fazer o mal à estudante? Não temos essas respostas, ainda mais porque esse foi um caso narrado por uma das estudantes entrevistadas e não aconteceu no Guarani. Mas, não podemos deixar de refletir e tentar encontrar respostas para esses questionamentos.

Dos dez estudantes que entrevistamos oito afirmaram que o bullying faz parte da realidade do Colégio Guarani. Novamente, os estudantes ressaltaram a temática da diferença e do bullying ser confundido com brincadeiras. Também diferenciaram o bullying físico (direto) do verbal (indireto), ressaltando que o segundo é mais frequente. Os estudantes narraram casos de bullying com seus colegas e também admitiram que foram vítimas no passado. As narrativas foram todas em tom de reprovação e destacaram o sofrimento que o bullying pode causar.

O relato de E10 destacou o mesmo argumento usado por E1, isto é, o bullying é um tipo de violência não autorizada. Se a vítima reagir e se impor ela “exterminaria” o bullying. No caso relatado, a vítima procurou ajuda dos pais e cobrou uma posição punitiva da escola ameaçando denunciar o fato à polícia. A

partir das pesquisas de Rossato (2013) e Gomes (2004) sabemos que os estudantes conseguem denunciar as situações vividas para os pais ou para a escola, até porque muitos professores não dão valor à gravidade das práticas de bullying e tendem a rotular como brincadeira de criança.

Dois estudantes não afirmaram que o bullying é praticado no Colégio Guarani, mas também não negaram. Para esses estudantes o bullying causa sofrimento e não é algo tão aparente na escola.

*O bullying é uma violência. Não conheço ninguém que tenha praticado ou sofrido, mas é claro que só quem passa é que sabe. (E7)*

*Olha, pode até existir bullying na minha escola, mas deve ser mais verbal. Eu nunca vi ninguém bater em ninguém. (...) Conhecer alguém exatamente, não. Eu sei de pessoas que já sofreram, mas não sou próxima. (E8)*

Quando perguntamos se os estudantes conheciam alguém que já praticou bullying as respostas seguiram o padrão dos questionários. Sete estudantes disseram que não conheciam nenhum autor de bullying, mas todos disseram que conheciam vítimas ou já tinham ouvido falar de casos.

*Eu nunca conheci alguém que tenha praticado bullying, até porque eu não ia querer conhecer alguém assim, né? (E8)*

*Não conheço ninguém assim. E quando acho que meus amigos estão exagerando nas “brincadeiras” peço para parar, ir devagar porque, às vezes, o bullying se origina de “brincadeiras inocentes” (E6)*

Se pararmos para pensar é contraditório que os estudantes conheçam várias vítimas e até consigam narrar os casos com detalhes, mas não saibam quem são os agressores. É possível que tenham ficado com medo de dizer, pois as entrevistas foram gravadas. De qualquer modo tivemos três relatos que afirmaram conhecer autores de bullying.

*Sim, eu já conheci e ainda conheço. Na minha sala, tem um menino que lidera um grupinho do terror. Eles não deixam o Thales<sup>37</sup> em paz. Só porque o coitado é muito mimado pelos pais. Os pais dele são temporão, sabe? Ele não faz nada sozinho. A mãe dele vem buscar ele. Como pode? Será que ela não vê que ele é zuado.*

*Conheço um grupinho de meninas, elas aterrorizam. Elas são bonitas, famosinhas, acham bonito passar na mão de todos os garotos. Elas pegam no pé das virgens, já pegaram no meu pé, mas eu ameacei elas de contar pros professores sobre o esquema de cola delas. (E3)*

---

<sup>37</sup> Nome fictício.

*Esse ano não lembro de ninguém, mas ano passado tinha o Diego<sup>38</sup> que fazia bullying descaradamente com o Edson<sup>39</sup>. Coitado! Mas, você não imagina, o Edson se chama Edson Second, sabe por quê? (risos). O pai dele é Edson Filho, o tio dele é Edson Júnior, o primo dele é Edson Neto. Quando o irmão dele nasceu o pai colocou Edson First e quando ele nasceu virou Edson Second (risos) Desculpe! Mas, não tem como não rir. Ele sofreu muito bullying do Diego. No início a turma ria muito, depois vimos que tava ficando exagerado. (E9)*

A partir desses relatos podemos destacar três pontos que se repetem tanto nas entrevistas dos professores quanto dos estudantes: (1) o papel da liderança para iniciar as perseguições; (2) o poder dos grupos para proteger ou agredir; (3) a diferença como suposta motivação que os agressores utilizam para eleger as vítimas.

Nesse último relato, a questão da diferença é colocada de maneira inusitada. O estudante sofreu bullying por causa da história “engraçada e diferente” que deu origem ao seu nome. Outro depoimento nos ajuda a compreender como a diferença é perseguida na escola.

*A escola não é um lugar fácil... Não mesmo! Ser bom aluno e tirar boas notas, isso é o mais fácil. Só que a escola não é só isso, é muito mais. Temos que ter sucesso, ser bonito, popular, falar direito, gostar daquilo que todo mundo gosta, fazer o que todo mundo faz. Se você é um pouquinho diferente, ferrou... vai ser perseguido. (E1)*

Praticamente em todas as perguntas os estudantes levantaram a intolerância à diferença como o principal motivo para o bullying. Assim como fizemos com os professores, perguntamos aos estudantes se o bullying é mais frequente entre os meninos ou entre as meninas. Nosso objetivo era conhecer um pouco mais sobre essa dificuldade em conviver com as diferenças e tentar compreender se os marcadores de gênero contribuem ou não para singularizar o bullying.

Quatro estudantes apontaram diferenças significantes entre o bullying sofrido pelas meninas e meninos. Os marcadores de gênero foram destacados como imaginávamos. Em geral, observamos que o bullying sofrido pelas meninas está relacionado à maneira como a mulher é vista pela sociedade. O mesmo ocorre com os meninos, quando sofrem ou quando praticam agressões, são rotulados como valentões, poderosos e líderes. Nesta perspectiva, o bullying relacionado às

<sup>38</sup> Nome fictício.

<sup>39</sup> Nome fictício.

questões de gênero muito se relaciona ao nosso modelo patriarcal e machista de socialização dos meninos e das meninas. O fato de exibir a força perante o grupo é relacionado ao futuro *macho*, àquele que domina seu território e que resolve seus conflitos utilizando sua força física.

*Os meninos estão sempre envolvidos com bullying. Fazem isso para mostrar que são fortes. (E8)*

*Meninos são mais violentos, perdem a paciência e chamam pra mão. É sempre assim: um grupinho que manda e o restante que obedece. (E2)*

*Acho que entre os meninos é mais forte. Sabe, não levamos desaforo pra casa! Não podemos levar... (E7)*

*Claro que os meninos fazem mais bullying. São uns idiotas, não têm maturidade. É insuportável estudar com eles. (E3)*

Esses quatro relatos destacaram a força física dos meninos e o papel social que eles ocupam nas relações entre pares, principalmente nas relações de gênero. Os estudantes assinalaram que entre os meninos a força física, o poder e a necessidade de demonstrar domínio são comportamentos sempre presentes. Vale lembrar que, em *A Dominação Masculina*, Bourdieu (2002) defende que enquanto sociedade estamos inseridos em padrões inconscientes de estruturas históricas da ordem masculina e que, por isso, nossos comportamentos estarão sempre sob o viés dessa ótica. Dada a nossa condição patriarcal, a submissão feminina é identificada pela lógica da dominação masculina. Dessa forma, o que é considerado feminino ou masculino foi objetivado do mesmo modo que as características homólogas: alto/baixo; em cima/em baixo; frente/atrás; seco/úmido; claro/escuro, etc.

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo em que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo. (BOURDIEU, 2002, p.15).

De acordo com as interpretações de Bourdieu (2002), identificamos o masculino como forte, dominador, líder, protetor, violento e poderoso. Já o feminino é caracterizado pela passividade, a interioridade e a sensibilidade. Estes

aspectos, defendidos pelos anatomistas do séc. XIX, justificariam a posição social da mulher através de sua anatomia.

Os estudantes que apontaram os meninos como os mais envolvidos nos casos de bullying justificaram utilizando a tríade de características definidoras do patriarcalismo: a força, o domínio e o poder, que funcionam ainda hoje como marcadores de gênero na sociedade brasileira. Mesmo aqueles que entendiam que o bullying é mais forte entre as meninas, usaram a mesma chave interpretativa de gênero, ou seja, as mulheres devem competir entre si, subentendendo que elas devem seduzir o macho mais forte.

*Entre as meninas, porque tem a questão da beleza. (E9)*

*Com as meninas é mais forte porque disputam quem é mais interessante. As meninas fazem e sofrem mais. Nós focamos o tempo todo umas das outras. (E5)*

*Entre as meninas acontece mais. Pode parecer que não porque elas não caem na porrada, né? Só que elas são vaidosas, mimadas, sensíveis... (E1)*

As meninas são descritas como vaidosas, fofoqueiras, mimadas, sensíveis. Interessante que essa visão é compartilhada por meninos e pelas próprias meninas. Novamente, os marcadores de gênero são levantados como justificativas, o que significa que sendo os meninos ou as meninas que mais praticam bullying a explicação para os dois casos envolve uma discussão dos papéis socialmente esperados de gênero.

*As meninas sofrem bullying pela questão da aparência, por ser gorda ou magra. Elas valorizam muito a aparência. E com os garotos é mais difícil ser a aparência, porque são mais desleixados, mas é mais porque um não gosta de futebol ou não assiste lutas. As pessoas não sabem lidar com a diferença e o modo de lidar delas é a agressão. (E1)*

Vamos nos concentrar neste relato. E1 afirma que o bullying acontece entre os meninos e as meninas e ainda ressalta que aqueles estudantes que são “estranhos” tendem a se tornar os alvos do bullying, sejam meninos ou meninas. É interessante que a justificativa para o argumento do estudante é a diferença, que ele enfatizou em todas as suas falas. Mas, ao mesmo tempo, a diferença é assinalada como um fator que, de certa forma, igualaria o bullying entre os gêneros, isto é, o estudante aponta algumas características específicas das meninas e dos meninos. Na interpretação do estudante, as meninas sofrem bullying por se preocuparem com a aparência física, enquanto os meninos não são ofendidos por

esse motivo, mas quando não praticam determinados esportes ou se comportam de determinadas maneiras podem se tornar alvos de bullying.

Mesmo considerando que o bullying acontece nos dois gêneros – masculino e feminino – E1 também resgata os marcadores de gênero para explicar os motivos do bullying. As meninas se ofendem porque algumas não alcançam o padrão de beleza demarcado. Padrão que é construído socialmente e que acompanha a vida das mulheres desde infância até a vida adulta. São lacinhos, rendas, maquiagens e todo um aparato de enfeites que as transforme em princesas dos contos de fada. Para os meninos, a aparência não é um marcador, pelo contrário, o homem é educado para ser ágil, forte, destemido, ousado e, entre outras características, não valorizar demasiadamente a aparência – “porque isso é coisa de menininha” – e ser um pouco “desleixado” se torna, muitas vezes, um indício da masculinidade. Os meninos são fortes e competitivos, devem jogar futebol, ficar sem camisa, cuspir no chão, mostrar que estão se tornando “homens de verdade”. Dessa forma, os estudantes são categóricos em colocar na diferença o principal motivo para o bullying, mas quando foram interrogados sobre como o bullying se configura entre os gêneros percebemos que os marcadores socialmente construídos e definidores da heteronormatividade são destacados.

Contudo, alguns estudantes afirmaram que o bullying simplesmente acontece. Chegaram a alegar que é um comportamento escolar e não tem diferenças entre meninos e meninas.

*Sinceramente, não sei. Todos os casos que já vi, era um grupo de várias pessoas, meninos e meninas, contra alguém ou um grupo que não “agradou”. (E6)*

*Eu nunca conheci ninguém que tenha praticado bullying. Acho que isso de menino e menina não significa nada para quem pratica, pode escolher uma menina ou um menino. (E8)*

Após compreender um pouco mais sobre a percepção que os estudantes têm do bullying, indagamos o que eles pensam sobre as consequências do bullying. Perguntamos, então, aos estudantes se eles já sofreram bullying; se já testemunharam; como reagiram; quem são e como se comportam as vítimas e os agressores; que tipo de medidas a escola deve tomar para enfrentar o bullying.

#### 6.2.4

#### “Me perseguiram, me ameaçavam... Demorou um ano para acabar”.

*Sim... infelizmente sim. Demorou um ano para acabar. Elas me perseguiram, me ameaçavam, pegavam o mesmo ônibus que eu só para ficar me encarando. (E8)*

*Sim, eu já sofri bullying. Eu sou esquisito, foi difícil a turma me aceitar. (E1)*

*Sim, só que eu era menor. Foi no fundamental. Eu era gordinha. Aí já viu, né? Virei a baleia assassina, Free Wille e muito mais. (E4)*

*Sim, até apanhei, pedi para mudar de turma. Consegui só no terceiro bimestre. (E7)*

*Sim (E10)*

*Não sei se foi bullying, é difícil saber por que considero meus amigos. (E9)*

*O bullying pode ter vários “níveis”, mas creio que sim, já sofri, mesmo que sendo num grau muito baixo, mas já. (E2)*

*Não, eu nunca sofri bullying, mas eu sempre tive muito medo, principalmente porque eu sou uma pessoa muito sensível, então, eu não sei, eu tenho medo de alguém de bater ou me humilhar, porque a humilhação com certeza é um tipo de agressão. (E3)*

Em primeiro lugar, vale registrar que, nesta questão, quando os estudantes tiveram que responder sobre suas próprias vidas, as falas foram mais curtas. Ninguém narrou detalhadamente às situações ou tentou tornar a resposta mais completa, como vinha acontecendo com os demais exemplos. Cinco estudantes afirmaram terem sofrido bullying, mas as respostas foram curtas, diretas e objetivas. Relembrar as agressões pode ser algo doloroso. Nem sempre o resgate da memória é um processo simples, talvez, por isso, as respostas tenham sido tão sucintas. Apenas dois dos dez entrevistados afirmaram não ter sofrido bullying. Antes de tudo, consideramos que eles estejam seguros dessa afirmação. No então, é possível especular que tenham sofrido bullying e não conseguiram admitir ou que não se lembrem mais ou que não conseguiram identificar. Esse registro é importante, pois, segundo as pesquisas de Olweus (2009) e Rossato (2013), a vergonha é um dado que tem sido recorrente no depoimento das vítimas. Afinal de contas, ser vítima de bullying, pode significar fraqueza, medo e covardia. Considerando os achados destas pesquisas, não podemos desconsiderar que os

relatos podem estar ausentes ou diminutos devido à vergonha que as vítimas sentem.

Os estudantes assinalaram a dificuldade em saber se o que aconteceu foi de fato bullying ou uma simples zoeira, principalmente quando estavam entre amigos. Essa fronteira tênue entre o bullying e a brincadeira também foi destacada pelos professores e aparece sempre como uma dificuldade adicional para os educadores e para as famílias no momento de identificar, investigar e solucionar os casos de bullying.

E3 afirmou nunca ter sofrido bullying, mas destacou que esse assunto sempre a perturbou bastante devido ao medo constante de se tornar uma vítima de agressões físicas ou verbais. É interessante que se o bullying provoca esse sentimento de medo é porque realmente faz parte do cotidiano escolar dos estudantes e afeta diretamente suas vidas. Segundo Rossato (2013), alguns estudantes entrevistados responderam que na escola, muitas vezes, é preciso assumir uma identidade falsa para não ser alvo de piadinhas e brincadeiras de mau gosto.

Taylor (2009) quando estudou o processo de construção da identidade moderna chamou atenção para ética da autenticidade, a ideia de *ser fiel a mim mesmo* e exigir a valorização social da própria maneira de ser. Na escola, o bullying pode se transformar em um impedimento para ética da autenticidade, na medida em que sujeita crianças, adolescentes e jovens a assumirem uma postura que não é verdadeiramente a sua, só para serem aceitos. Esse processo pode resultar no reconhecimento errôneo da identidade ou na construção de uma falsa maneira de ser (Taylor, 2009).

Para nossa surpresa, todos os estudantes afirmaram que testemunharam e ainda testemunham casos de bullying. Sobre como reagiram nessas situações, as respostas nos ajudaram a compreender um pouco mais nossa hipótese sobre o bullying e a banalidade da maldade.

*Sim, já! Não era num grau muito alto, porém sempre pedia para quem estava fazendo parar, porque eles não sabem o que a pessoa que estava passando, por isso podia estar sentindo, e isso é errado, seria mais que minha obrigação impedir algo como isso. (E3)*

Nesse relato, percebemos que E3 interferiu nos casos de bullying que testemunhou. Afirmou, ainda, que essa é sua obrigação, isto é, não permitir que seus colegas sejam agredidos. Nesse caso, segundo nosso entendimento, o mal empregado não foi banalizado. E3 não permitiu que as situações testemunhadas por ela fossem adiante. Ela assumiu a responsabilidade e buscou impedir que a agressão se prolongasse. No entanto, em nossas dez entrevistas, esse depoimento foi uma exceção, os demais estudantes não reagiram demonstrando esse sentimento de indignação e justiça. Pelo contrário, alguns alegaram que não sabiam identificar se a pessoa estava sendo agredida em seus sentimentos e outros responderam que não deveriam se meter, pois na escola cada um cuida dos seus próprios problemas.

*Eu não sei ao certo se já testemunhei, porque é muito difícil saber se a pessoa não tá levando na esportiva. Como eu disse, eu posso falar que eu já sofri, mas eu sei o que senti. Não tenho como saber o que os outros sentiram, por isso acho que não devo fazer nada. (E1)*

*Já vi muitos casos, vejo sempre, não acaba assim... Não faço nada. Acho que não é problema meu. (E10)*

*Testemunho sempre. Não entendo. Acontece mais por causa de apelido, zuação. Mas, é estranho porque eu tenho apelido, me chamam de Sky, minha cabeça é bem grande, né? Você pode ver que tenho um cabeção. Mas, nunca fiquei triste por isso. E é forte, às vezes, nem atendo pelo meu nome. Até meus primos me chamam de Sky. Não faço nada. O bullying é normal, é da escola, virou algo do dia a dia, acho que não tenho nada com isso. (E7)*

*Posso dizer que nunca reagi, essa não é minha função. E, tem muito palhaço aqui, gente que merece sofrer bullying. (E2)*

*Sinceramente, eu acho engraçado, sei que pode magoar alguém, mas alguns bullies são muito divertidos, não tem como não rir. (E6)*

Os três primeiros depoimentos afirmam que testemunharam, mas que não fizeram nada. As razões para o consentimento da agressão são múltiplas. E1 acredita que não deve interferir porque não sabe ao certo quando é bullying e quando não é mesmo já tendo sido uma vítima. E2 e E10 também argumentaram que testemunharam e não reagiram. Nesses casos, a justificativa foi individualista e/ou uma autopreservação. A lógica é, mais ou menos, assim: se não foi comigo, não é problema meu, então, não devo fazer nada. E7 acentuou que o bullying se tornou corriqueiro, já faz parte do cotidiano da escola. Podemos interpretar esse relato como uma naturalização do bullying, algo que não podemos lutar contra porque simplesmente é natural, comum, simplesmente acontece.

Mas, os relatos que consideramos mais problemáticos do ponto de vista da valorização da dignidade humana são os de E2 e E6. Esses dois estudantes relataram que já testemunharam casos de bullying e não reagiram. Mas, porque não reagiram? Não foi porque tiveram medo ou porque não conseguiram identificar. Não reagiram porque essa não seria uma função deles, porque ver o outro ser ofendido é divertido, engraçado e porque alguns estudantes merecem essa agressão. Mesmo sabendo que essas práticas podem magoar alguém, E6 admitiu que vale à pena assistir e não interferir apenas para se divertir com a situação.

Se interpretarmos esses relatos à luz do conceito de banalidade do mal, proposto por Arendt (1999), podemos cogitar que a banalização da maldade não está somente no autor das agressões, ou seja, naquele que comete o bullying e que quando é interrogado sobre suas ações não consegue argumentar de modo racional e razoável. A ausência de uma explicação justificada pode ser efeito do processo de banalização e naturalização da maldade que estamos vivenciando. Agredir, humilhar e ofender o colega e não conseguir justificar essa postura significa não refletir sobre as consequências das próprias atitudes. Trata-se de um comportamento que não leva em consideração a dignidade do outro, porque esse outro não é visto como alguém digno de respeito. O mal feito contra ele não se transforma em algo desprezível, justamente por ser visto como natural, comum, corriqueiro e até permitido no dia a dia escolar.

Mas, o deboche, as risadas e o divertimento são argumentos que potencializam a banalidade do mal, que nos revelam o quanto o bullying é cruel e como os estudantes justificam uma postura de conivência com essa prática. Nesse sentido, a banalidade do mal expressada no bullying é, segundo nossa avaliação, distinta da banalidade do mal de Eichmann, porque quando enviava os judeus para os campos de concentração o oficial nazista se defendeu argumentando que aquela era sua função e que estava cumprindo ordens. Em nenhum momento ele revelou que os judeus eram palhaços e mereciam aquele castigo ou que essa situação lhe trazia divertimentos. É claro que não podemos esquecer que Eichmann estava em um julgamento no qual o que estava em risco era a sua condenação. Nossos entrevistados estavam numa situação de confiança com a pesquisadora, numa entrevista informal, na qual lhes foi garantido anonimato, confiabilidade e

ausência de julgamentos sobre certo ou errado. Insistimos que queríamos apenas opiniões, percepções, reflexões e não um testemunho em tribunal. Ainda assim, tais depoimentos me deixaram, como pesquisadora, bastante impressionada.

Entre os dez relatos dos estudantes, os argumentos foram: (1) impedir o bullying por ser algo errado e por isso não há obrigação em reagir; (2) dificuldade em identificar se era realmente bullying para poder agir; (3) o bullying é algo do dia a dia, não tem como ser impedido; (4) não tenho nada a ver com isso, não é problema meu; (5) algumas pessoas merecem sofrer bullying; (6) é divertido assistir as situações de bullying. Outros quatro estudantes destacaram mais dois argumentos interessantes: a impotência e o medo.

*É chato. O bullying é muito constrangedor. Já vi, mas não fiz nada. Não consegui fazer. (E4)*

*Eu testemunhei sim. Foi muito ruim, eu tive muita vergonha. Eu não consegui reagir, não consegui “confrontar” os agressores, eu tive medo de isso se voltar contra mim. Acho que esse é um ponto muito importante. (E5)*

Nesses dois relatos, a impotência e o medo estão muito claros. Diante da violência que o bullying explicita, alguns estudantes sabem que é errado, mas não conseguem reagir. Sentem-se impotentes, incapazes de denunciar, de pedir por ajuda ou até mesmo impedir o prolongamento do sofrimento, próprio ou alheio. Porque o bullying provoca esse sentimento de paralisção que impede as testemunhas de denunciá-lo? Esse é um questionamento parcialmente respondido pela literatura especializada. Olweus (2009) assinalou que o medo impede os estudantes que testemunham o bullying de tomar alguma providência, seja qual for. É exatamente esse medo que identificamos no relato de E5, quando ela diz “eu tive medo de isso se voltar contra mim”.

Os professores também advertiram para a questão do medo. Mesmo entre os adultos, no dia a dia, quando vemos alguma situação de injustiça, preconceito e discriminação, na maioria das vezes, somos coniventes, fingimos que não estamos vendo e não tomamos nenhuma atitude impeditiva. De fato, não só o medo nos impede, há outros fatores diversos. Mas, se nós adultos agimos assim, como cobrar uma postura propositiva dos adolescentes? Eles sabem que na escola, dependendo de como reagem a determinados acontecimentos, podem se transformar nas próximas vítimas. E os relatos afirmam que é difícil suportar ou trazer, deliberadamente, para si tal perseguição.

Esse dilema é retratado no filme espanhol *Bullying: provocações sem limites*, de 2009. O longa-metragem narra a história de Jordi, um adolescente que perdeu o pai há dois meses e mudou-se com a mãe para outra cidade, onde imaginavam começar uma vida nova. Educado, bom aluno, ágil, jogador de basquete e filho carinhoso, Jordi é sossegado e cumpridor dos deveres. A mãe Júlia é médica e frequentemente dá plantões no hospital, enquanto Jordi fica em casa com a cadela Birria, única companhia do isolado estudante. No primeiro dia de aula, Jordi responde corretamente às perguntas do professor de matemática. Mais tarde, na quadra de esportes, mostra um ótimo desempenho no basquete. Isso basta para despertar raiva e inveja em Nacho, um aluno que só se destaca na aula de educação física. Habitualmente espancado pelo próprio pai, Nacho transformou-se de vítima da violência doméstica em agressor bullying, liderando um grupo que passa a infernizar a vida de Jordi. Humilhações e espancamentos tornam-se parte de sua rotina diária. Para não preocupar a mãe que se recupera de uma depressão, Jordi guarda silêncio enquanto a violência se intensifica. Alguns colegas de turma, chocados pelo comportamento dos agressores, também se calam com medo de represálias. O filme – uma ficção que se aproxima de muitos relatos reais – relata claramente etapas do bullying e cria momentos de muita angústia nos espectadores. Toda turma sabia que Jordi era agredido, repetidamente, mas ninguém fez nada, nem mesmo quando foram interrogados pela direção.

Mesmo sendo histórias fictícias, os dramas de Jordi e Basini estão presentes nas escolas e, em ambos os casos, o medo vivenciado pelas testemunhas é um sentimento que contribui para continuidade e impunidade do bullying, pois as testemunhas se calam e a violência continua. Acreditamos que as testemunhas são fundamentais para escola enfrentar o bullying. Propostas pedagógicas que incentive os estudantes a denunciar podem ser uma estratégia, principalmente, se o anonimato for garantido. Campanhas, debates, filmes, discussões, trabalhos e leituras que problematize os efeitos da violência escolar também podem funcionar para desnaturalizar a violência. E é sobre essas ações que, ao final das entrevistas, nossos entrevistados centraram seus depoimentos.

## 6.2.5

### “A escola é onde nos ‘descobrimos’, onde formamos nosso caráter”

*A escola é onde nós passamos a maior parte do nosso dia e da nossa infância/adolescência. Lá é onde nos “descobrimos”, onde formamos nosso caráter, onde nos tornamos tudo o que seremos quando adultos. Lá é onde temos contato com diferentes tipos de pessoas e, juntamente com elas, as suas diferenças. Acho que esse contato com as diferenças acaba despertando certos sentimentos em certas pessoas, o que pode acarretar na formação do bullying. Quando aquele julgamento inicial ainda continua. Quando as pessoas não conseguem aceitar as diferenças das outras e acha que ser diferente é errado. (E3)*

Por fim, perguntamos aos entrevistados por que o bullying acontece na escola e que situações tendem a se transformar em bullying.

*Porque a escola é um local que reúne diferentes pessoas com personalidade, aparência e condição financeira diferentes. E também por ser um local que tem a formação de grupos. (E5)*

*Acho que a escola é o palco do bullying por causa da idade. É aqui que aprendemos o certo e o errado e também tem sempre alguém estranho, esse sofre na mão de alguns. E o fato da pessoa ter um físico diferente, ser gorda ou magra, é motivo para essa discriminação. (E6)*

*Acho que na escola é forte porque é algo que extrapola, passa dos limites, e acaba ficando uma coisa que é cansativa e enche o saco e te deixa mal. (E4)*

As respostas para essa questão envolveram, principalmente, três argumentos: (1) a escola reúne a diferença; (2) na escola a diferença não é aceita; (3) a escola expõe a diferença porque estamos convivendo em grupos. Nos dez relatos, a diferença foi levantada, direta ou indiretamente, como principal explicação para a recorrência do bullying na escola. Esse argumento recorrente também foi destacado e enfatizado quando pedimos aos estudantes que comentassem como são as vítimas de bullying.

*Normalmente, caracterizam essas pessoas como os “lerdões”, mas acho que esse não seria o caso, dependendo do lugar onde você se encontre e o que você difere daquele lugar pode te tornar uma vítima do bullying. Por exemplo, a religião, a sexualidade, a idade, a cor, o peso, a altura, tudo isso pode virar motivo para alguém sofrer o bullying. Qualquer diferença não aceita, seja ela qual for, pode ser um “motivo”. (E2)*

*Pessoas que não são consideradas populares, geralmente, excluídas dos grupos. São as pessoas feias, gordas, sem estilo ou até mesmo nerds. (E5)*

*As pessoas que gostam muito de estudar sofrem certo bullying, as pessoas que se vestem de modo diferente... Sei lá! Um garoto que gosta mais de rock, ele pode*

*deixar o cabelo crescer e sofrer bullying por isso. Também tem as pessoas que tem uma fala diferenciada, com algum tipo de sotaque. É o que eu tô falando, todas as pessoas diferentes, que são tratadas como diferentes. (E1)*

*Acho que são aquelas pessoas que não conseguem se encaixar em algum grupo e isso deixa as pessoas tristes e é mais difícil ainda para ela se encaixar. Eu penso que isso deve acabar, porque deve deixar a pessoa muito triste, e não deve nem dá mais vontade de ir pra escola. (E4)*

O relato de E1 nos chamou atenção devido à ênfase que ele colocou na questão da diferença em todas as suas respostas. Por isso, perguntamos a ele porque a diferença incomoda tanto.

*Cara, a minha opinião, sempre foi... Pra quê eu vou ser igual a todo mundo se eu posso ser diferente, pra que eu vou fazer o que todo mundo faz se eu posso fazer diferente? Então, eu acho que as pessoas durante a vida foram acostumadas a ser mais alguém. O que você aprende em casa? Ah! Você tem que tirar boas notas, você tem que arranjar um emprego, você tem que se sustentar... E isso é dito por todo mundo sempre da mesma forma. É raro você ver alguém falar: “- Não! Você tem que trabalhar, mas faz o que você gosta”. Ou então, você vai mal em uma matéria, todo mundo diz você tem que estudar mais essa matéria, mas ninguém diz: “- Beleza! Estuda mais também aquela que você gosta”. Acho que as pessoas têm tendência de não gostar de pessoas diferentes por medo. É isso: a diferença causa medo, só porque é diferente (choro). Mas, nem sempre o diferente é malvado. No bullying, a pessoa que é humilhada é diferente, mas não é malvada. O mal que é feito contra ela. (E1)*

Nesse depoimento, E1 desabafou sobre o longo período que sofreu bullying. Seu relato engasgado pela emoção chama atenção para as consequências negativas que a intolerância à diferença pode acarretar. E1 ainda destaca que o diferente, aquele que é rotulado como estranho, não é malvado. O fato de não se comportar como as outras pessoas não o transforma em alguém que possa ser maltratado. O relato desse estudante nos faz refletir sobre a crueldade que está por trás das práticas de bullying e como as vítimas dessa violência sofrem ao serem submetidas a esses tipos de agressões, em um ambiente que deveria protegê-las, educá-las e garantir bem estar.

Finalizamos nossa entrevista perguntando aos estudantes que tipo de medida a escola deveria ou poderia tomar para enfrentar o bullying.

*A escola tem que discutir o tema e não fechar os olhos. (E8)*

*A escola tem que nos ouvir. Primeiro eles teriam que acredita na gente, senão nada vai adiantar. (E3)*

*Uma solução seria as campanhas contra esse tipo de “brincadeira”, porém já se tornou uma medida clichê. O ideal seria um acompanhamento psicológico com as pessoas que praticam e as que sofrem, pois isso pode ser um distúrbio. (E5)*

*Devíamos ter acompanhamento psicológico. (E2)*

*Acho que a escola não vai conseguir, já tem muitos problemas para ela resolver. (E6)*

*Não tem solução, a escola não vai conseguir fazer nada. Os agressores são muito espertos. (E4)*

*A escola não se preocupa com o bullying. (...) A gente pode se matar que eles tão preocupados só com regrinhas. (E1)*

É interessante analisar o descrédito da escola para enfrentar o bullying. A maioria dos estudantes não acredita que a escola tenha qualquer condição de ajudá-los. Essa visão é resultado da dificuldade que a escola encontra em identificar, solucionar e prevenir os casos de bullying. O fato de afirmar que o bullying não existe ou interpretar como se fosse apenas brincadeiras de criança leva os estudantes a não acreditar na escola enquanto uma instituição capaz de protegê-los e ajudá-los. Essa percepção é corroborada pelas pesquisas de Gomes (2004), Fante (2007), Olweus (2009) e Rossato (2013).

As pesquisas tanto de Rossato (2013) quanto de Andrade e Câmara (2012) advertem que ao desconsiderar a escola como uma instituição protetora os estudantes (crianças ou jovens) perdem a confiança no potencial transformador da escola, no valor dos estudos e na capacidade dos adultos em ajudá-los a mediar seus conflitos. Quando a escola se torna um lugar insuportável, o aprendizado não é apenas prejudicado, mas o desejo pelo conhecimento tende a ser suplantado porque o ambiente onde esse conhecimento é transmitido é permeado por ofensas, humilhações e sofrimentos.

Olweus (2009) destacou o sentimento de impunidade que se constrói nos estudantes todas as vezes que são agredidos e a escola não toma as providências cabíveis. O pesquisador pondera que, entre as crianças, o sentimento de impunidade, ou seja, saber que nada acontece com o colega que a agrediu, contribui para a banalização e aceitação da violência, além de denotar um comportamento que pode ser imitado, pois se os adultos não corrigiram, então, tal comportamento pode significar algo permitido. Olweus (2009) também ressaltou que quando a escola não consegue combater o bullying ela contribui para torná-lo

ainda mais velado, no sentido de encoberto. Isso acontece porque as vítimas perdem o estímulo de denunciar seus agressores, pois compreendem, pelos casos anteriores, que a escola não fará nada para solucionar o problema.

Escutando nossos depoentes, acreditamos que seja fundamental que a escola consiga retomar a confiança dos jovens estudantes para que eles se sintam a vontade para denunciar o bullying. Isso requer que a escola compreenda os fatores que motivam o bullying para só então construir estratégias de combate a essa violência escolar.